

SUPORTAR O INSUPORTÁVEL

Um dos principais problemas com que um professor de Artes Marciais clássicas japonesas tem de lidar, no seu processo que ensino, naquilo que pode ter de aspecto anacrónico, é a capacidade de auto-sacrifício, aspecto típico que era inerente a um aluno antigo e que hoje é raro de encontrar. A raridade reside num facto básico é que, este valor está ligado a uma tradição e isso porque os tempos são outros.

Difícil é saber como adaptarmo-nos aos novos tempos e à forma de hoje estar numa tradição que se tornou estranha, difícil de entender e frequentemente intolerável de aceitar pelo aluno. Adaptar até deixar de ser e continuar a chama-la pelo nome não me parece correcto. Se morreu, é cadáver, já não pode ser gente, passou a ser um invólucro vazio. Manter as coisas como eram acabará por em alguns casos ser anti-pedagógica e criar-se o risco de ficar o professor a ensinar as moscas. Qual a alternativa? Tudo tem o seu tempo de nascer, desenvolver-se e atingir o apogeu, mirrar e acabar por morrer. A tradição samurai hoje está em decadência independentemente de algumas coreografias teatrais a que assistimos. Irá morrer? Como professor não estou preocupado com isso mas sim com o papel que me cabe no contexto. Sempre me sensibilizei pela ideia que o caminho que leva à nossa própria libertação e superação é através do esforço, do sacrifício pessoal físico, mental e espiritual, da busca sincera, não por masoquismo mas porque é assim mesmo. Esse princípio tem de ser transmitido aqueles que querem aprender o que sabemos, ou então estaremos a condescender com os tempos e com as dificuldades. Outro dia em conversa com alunos, reflectíamos sobre o sofrimento, as dificuldades e os tempos que se vive, trabalho típico do estudo associado ao Haragei, Shinrigako (psicologia) e Tetsugako (filosofia). Falou-se sobre a impossibilidade de carregar a cruz dos outros e que isso originava em nós sentimentos de frustração, dor e até de desânimo perante preconceitos, intolerância e ingratidão. Não somos educados a ouvir, agradecer e a ser humildes e quem é assim é visto é rotulado como alguém fraco e um idiota.

Queremos aprender o caminho daqueles que servem desde que não tenhamos que servir ... aprender sem dor, e queremos ser heróis de sofá diante do televisor, onde podemos demonstrar que temos opinião sobre tudo, sabemos tudo e podemos tudo ... opiniões frequentemente mal formadas e vindas da ignorância e onde as provas dadas ficam pelo sorriso que a vida encarregue de tirar. Mas o problema residirá sempre na cegueira que nos impede de vermos os nossos próprios actos e assim com honestidade, para com connosco mesmos, corrigirmos pois só a correcção vinda de dentro tem valor na pesagem dos nossos actos.

Segundo a tradição cristã vivemos a noite dos tempos. Outras tradições como a hindu falam sobre a era do demónio Kali, ou Era do Ferro ou Idade do Vício – Kali Yuga. Vivemos uma era em que a palavra se tornou leve e em que o pensamento é corrompido pela ligeireza da palavra, pouco cuidada, em que o dito não é pensado na sua dimensão profunda. Tudo pode ser dito escrito porque não há juízo sobre o dito e escrito, não há consequências, não há um chamar às responsabilidades porque o Eu (ego) é rei, o auto-sacrifício um disparate, a auto-observação uma perda de tempo e a transcendência uma prova de superstição.



葡萄牙
武芸
連盟
ASSOCIAÇÃO
BUGEI
DE
PORTUGAL

LUIS MANUEL VIEIRA DOS SANTOS

Sejamos capazes de tolerar o intolerável. Ser herói ou samurai é viver a vida, não a ilusão.

Lisboa, 13 de Setembro de 2013